

A CLASSE OPERÁRIA MOÇAMBICANA E A REVOLUÇÃO DE OUTUBRO

Por Maria de Lourdes Torcato

A classe operária moçambicana nascia na época em que a classe operária russa amadurecia o bastante para conquistar o Poder. Hoje, passados 66 anos, os trabalhadores moçambicanos dão mais um passo importante na sua história, ao reunirem-se na Conferência Constitutiva da sua Organização. Pra eles não se trata de conquistar o Poder mais sim de definir a sua intervenção em tanto que Classe, na sociedade onde o Poder está já nas suas mãos.

É significativo que isto aconteça 66 anos depois dos «Dez dias que abalaram o Mundo», da noite de Petrogrado, em que a Revolução russa, pela primeira vez na História da Humanidade, levou num País os operários ao Poder.

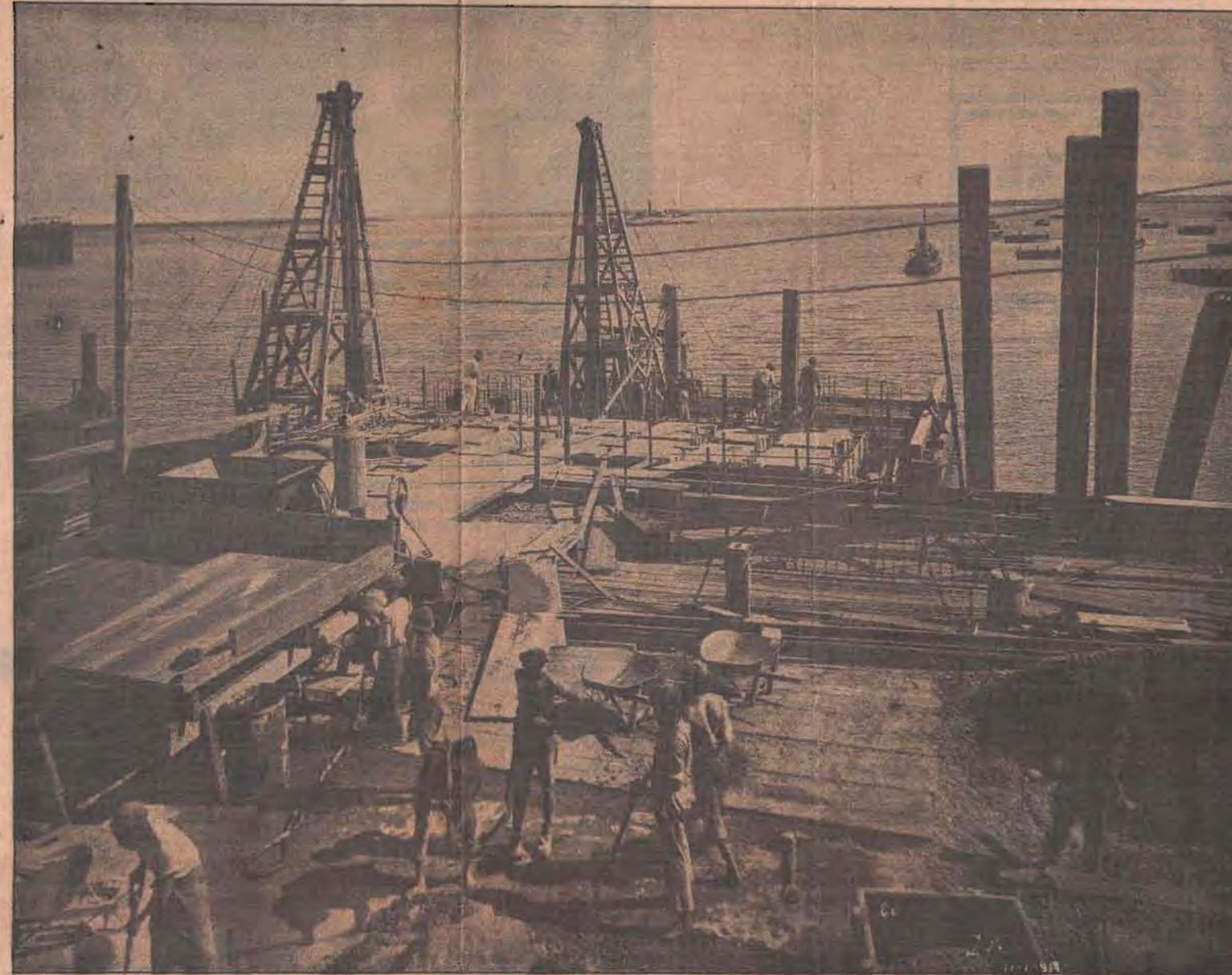
Como chegaram aqui os ecos dessa revolução que conhecemos como a Revolução de Outubro, nessa época que foi também um marco na história do nosso País? Estávamos demasiado longe para que os tambores bastassem para anunciar! Os telegramas eram demorados e os jornais escassos. Os seus leitores constituíam uma casta minoritária isolada do povo e dos trabalhadores moçambicanos.

Mas o Lourenço Marques Guardan que pertencia ao capital britânico ligado ao comércio local e que se publicava duas vezes por semana em português e inglês, dava entre as notícias da Guerra Mundial, a informação das convulsões que agitavam a Rússia nessa altura.

As mesmas páginas davam também notícias da resistência nacionalista moçambicana à ocupação colonial. Eram os anos da revolta do Barué. E mesmo que os massacres e as razias, a contagem das mulheres e das crianças feitas prisioneiras e dos chefes tradicionais capturados ou mortos, fossem descritos na perspectiva de vitórias do exército de ocupação, a verdade estava lá: a resistência nacionalista existia e constituía as raízes da Luta de Libertação Nacional que, cinquenta anos depois, conquistava pelas armas,



contra esse mesmo exército, a Independência de Moçambique. Também o Notícias da Beira, ligado à



Operários moçambicanos na construção da Ponte-Cais de Maputo, em 1913. (Foto do Arquivo Histórico de Moçambique)

Outubro ainda que a descrevesse sob títulos como «reina a anarquia na Rússia». E não fazia a ligação com as notícias que dava nas mesmas páginas sobre o movimento grevista que os operários, que construíam os Caminhos de ferro, desenvolviam contra a exploração

do capitalismo que se implantava em Moçambique.

O MOVIMENTO E A IMPRENSA OPERÁRIA

As referências à Revolução dos Soviéticos na Rússia e ao movimento operário revolucionário, podemos encontrá-las no jornal **O Emancipador**, semanário socialista fundado em 1919 e que acabou em 1937. Era editado por operários dos Caminhos de Ferro, em Lourenço Marques.

Os mentores deste movimento operário conheciam o marxismo, mas a sua ideologia era sobretudo de influência anarco-sindicalista.

Mas eram eles que organizavam as comemorações do 1.º de Maio — reprimidas e frustradas pelas autoridades e reduzidas a reuniões em clubes fechados; que divulgavam a letra da Internacional, publicavam um folhetim sobre a **Rússia Nova** e davam notícias, mais tarde, sobre o Plano Quinquenal soviético, em 1935.

Este jornal, reprimido e perseguido, durante a greve de 1925-26 foi mesmo obrigado a passar à clandestinidade, chamando-se nessa fase a «Greve dos Ferrovieiros».

Mas em termos de classe operária moçambicana qual era o seu significado? Sobre isso citamos o artigo de José Capela, **O Movimento Operário em Lourenço Marques**, publicado na revista portuguesa «História», n.º 15 de Janeiro de 1980.

«Este movimento nada tem a ver com a realidade sociológica africana e nem sequer abarca o proletariado africano em formação.



Operários moçambicanos hoje, homens e mulheres edificando os alicerces do nosso futuro. (Foto do Notícias)

É por isso mesmo, fundamentalmente ilustrador do grau de desenvolvimento das forças produtivas locais, quando o moderno capitalismo financeiro, industrial e de plantações, dava os primeiros passos em Moçambique.

Do ponto de vista ideológico, reproduzia em Moçambique e à escala reduzida, o que se passava em Portugal. Um movimento operário, portanto, que se transferia paralelamente ao capital em implantação colonial.

Mas a construção e desenvolvimento das infra-estruturas e da actividade ferro-portuária empregavam muita mão-de-obra moçambicana, quer a que ocorria do campo para a cidade em busca de trabalho, quer a que fazia parte dos contingentes do trabalho forçado. E as suas novas condições de vida aliadas à influência que sobre eles não podia deixar de existir, da organização dos operários europeus, foram o fermento que nos permite falar hoje do nascimento do operariado moçambicano nessa época, que se inicia no final do século passado.

A repressão e o isolamento que se agravaram posteriormente com a implantação do fascismo, retar-

daram o natural desenvolvimento dessa consciência operária moçambicana, até à data da Luta desencadeada e dirigida pela Frente de Libertação de Moçambique e à vitória sobre o colonialismo.

A criação em 1977, do Partido Frelimo — Partido de Vanguarda da aliança operário-camponesa, veio acelerar este processo. A Conferência Constitutiva dos Sindicatos, consequência directa deste impulso não significa o fim do processo. A formação e consciencialização da Classe Operária Moçambicana desenvolve-se agora em condições propícias, integrada no próprio processo de desenvolvimento da nação e da revolução moçambicana.

«Proletários de Todo o Mundo, Uni-vos!», materializa-se hoje em Moçambique quando, ao mesmo tempo que prestamos homenagem aos operários, soldados e camponeses que tomaram em Petrogrado o Palácio de Inverno e com isso marcaram uma nova era no seu País, em Moçambique iniciámos também uma nova fase na vida da classe operária moçambicana que é a construtora dos alicerces do nosso futuro.



Operários moscovitas participando numa jornada de trabalho voluntário na Kremlin, em 1920. (Foto da Agência Novosti)



Abertura da Conferência Constitutiva da Organização dos Trabalhadores Moçambicanos. (Foto de Luís Souto - Notícias)



Pormenor das obras de construção dos Portos e Caminhos de Ferro na segunda década deste século. (Foto do Arquivo Histórico de Moçambique)



Operários moçambicanos na construção da Ponte-Cais de Maputo, em 1913. (Foto do Arquivo Histórico de Moçambique)